

MORAES ALÃO

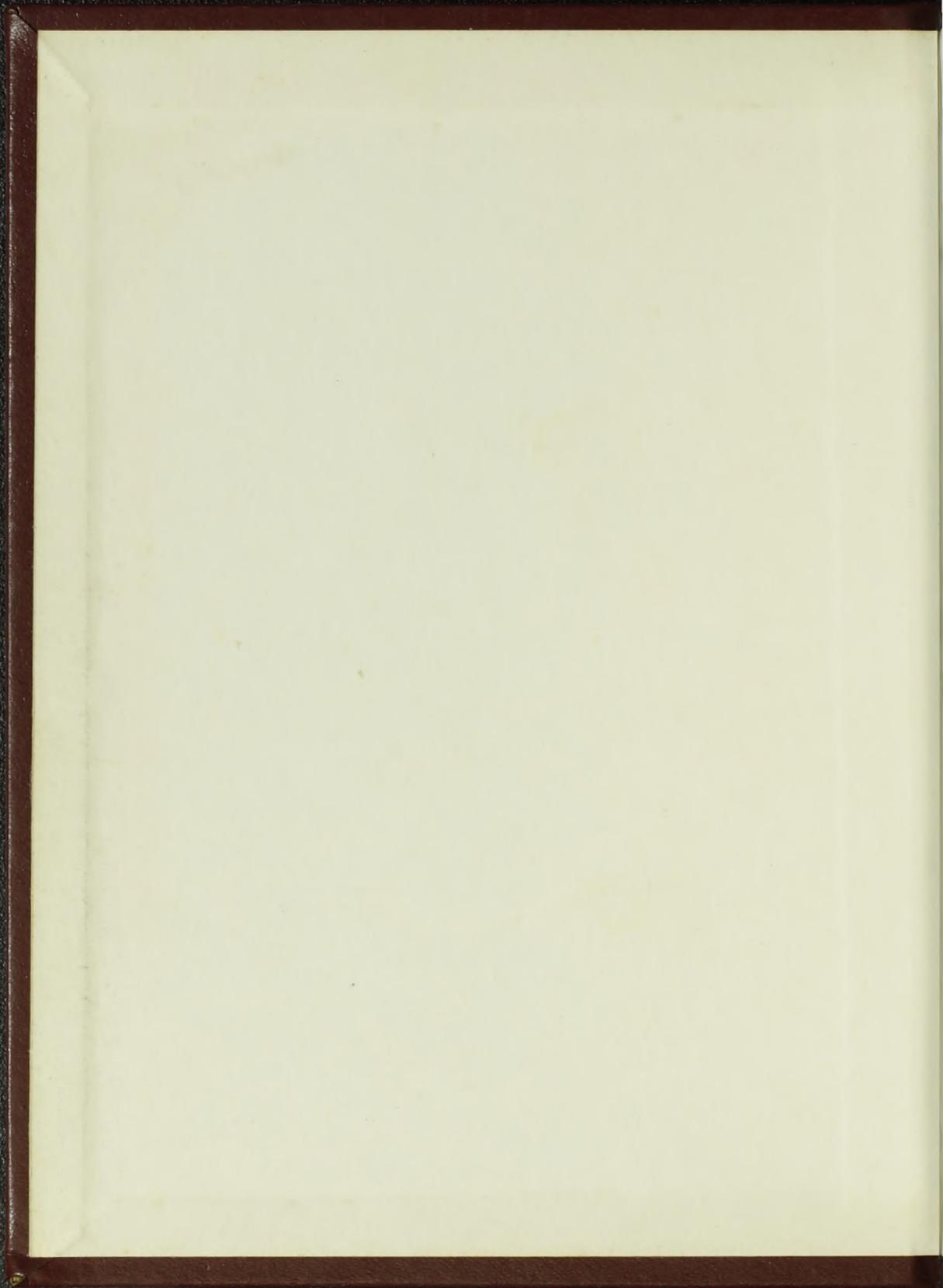
---

PORTO  
GLORIOSO

PORTO

1743

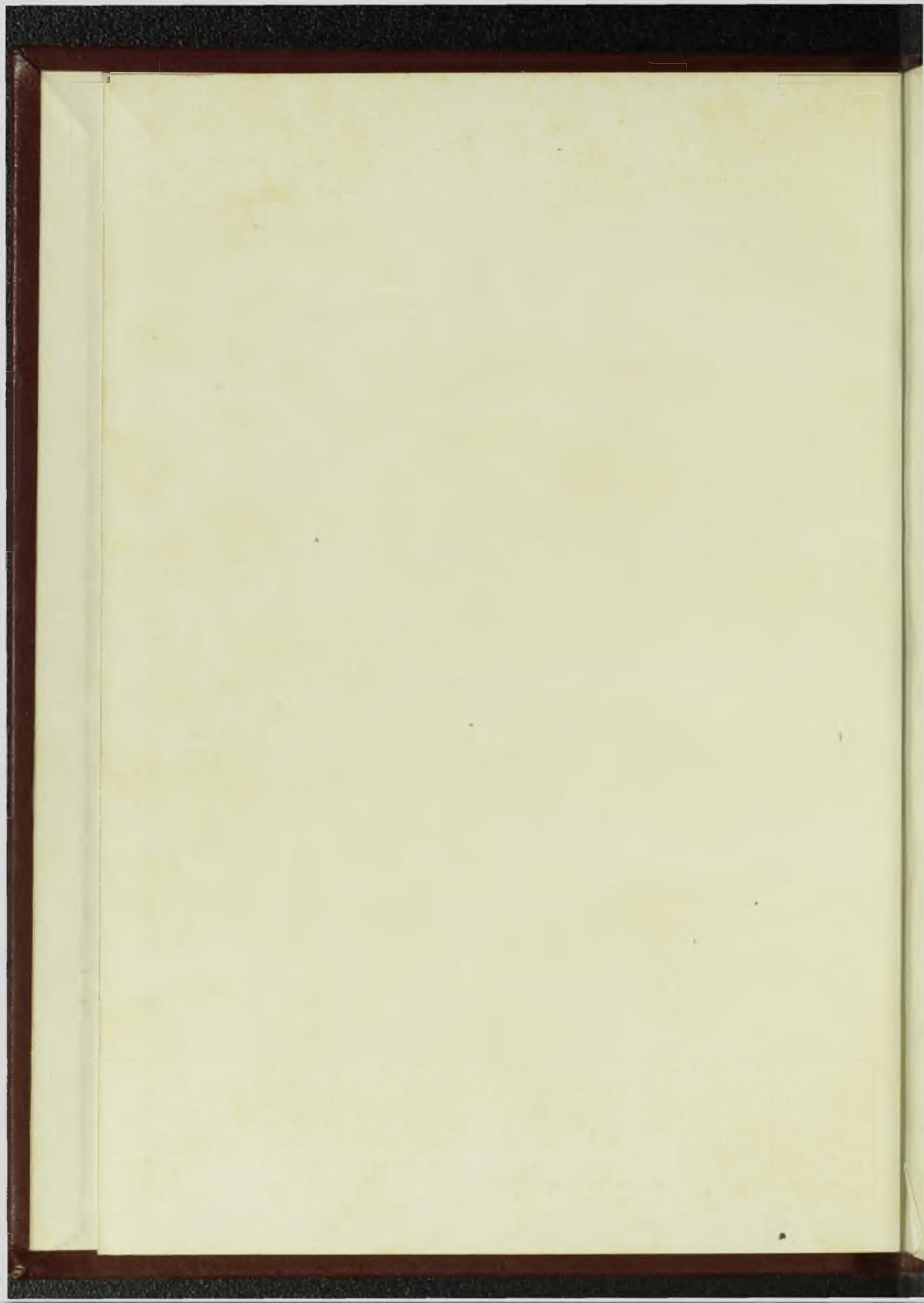
B.M.O.L.



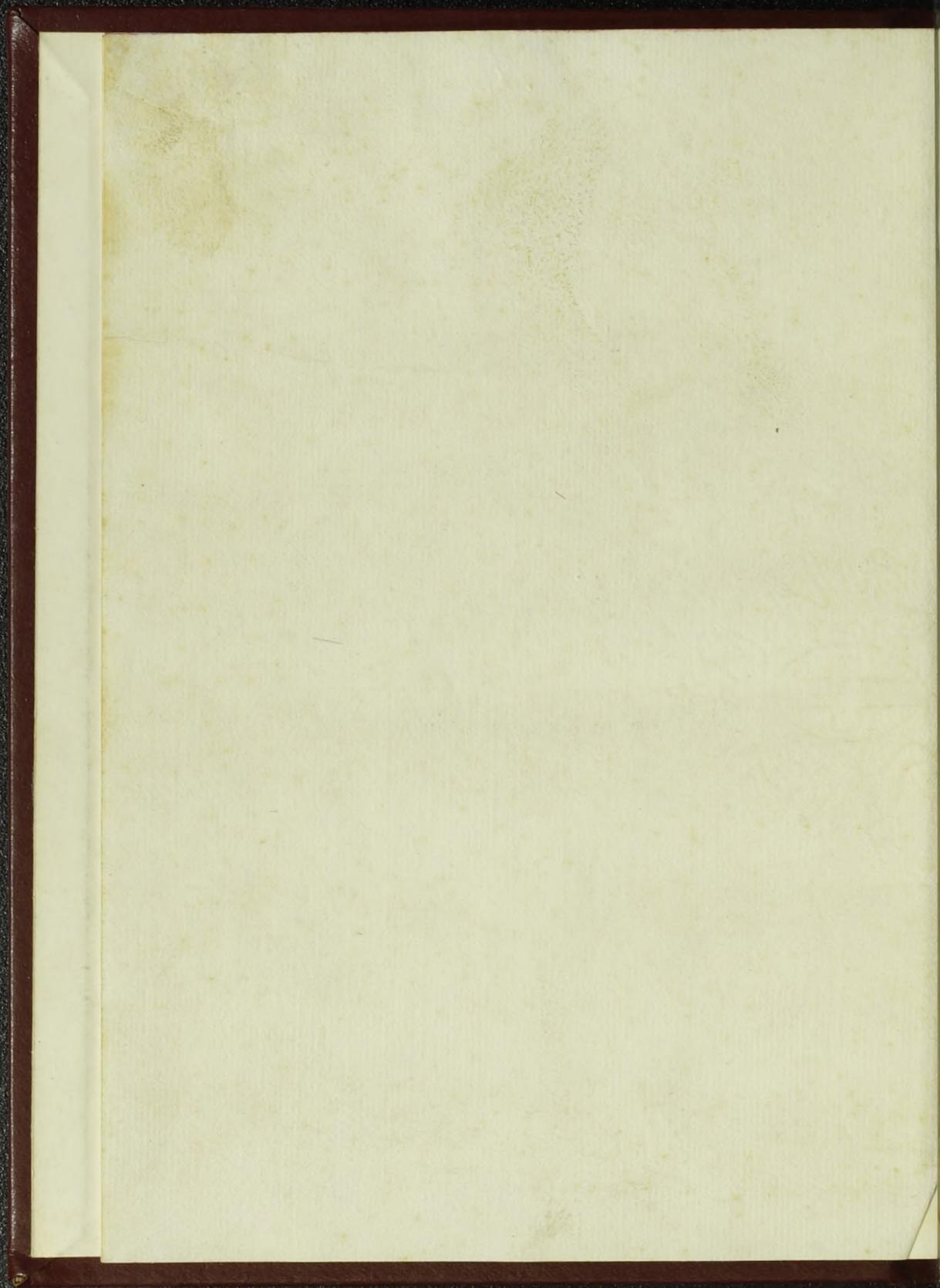
*Magnum*

*Livro 11.9.83*





M. L.



# PORTO GLORIOSO

## POEMA

### HISTORICO-PANEGYRICO

Na alegre, plausivel, e faustissima Entrada publica,  
que no dia 5. de Mayo de 1743.

*Fez na Cidade do Porto*

O EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

# D. FR. JOSE

## MARIA DA FONSECA,

### E E V O R A ,

*Ex-Geral dos Menores, Prelado Domestico de Sua Santidade, Bispo  
assistente ao Solio Pontificio, Especial Ministro na Curia Ro-  
mana da Augusta Magestade Portugueza, Bispo do  
Porto, do Conselho de Sua Magestade &c.*

OFFERECIDO AO MESMO  
EXC.MO E REV.MO SENHOR

HERÖE do POEMA

Por

## MARTINHO LOPES DE MORAES ALAO

*Conego prebendado na Santa Igreja do Porto.*

PORTO,

Na Officina de MANOEL PEDROSO COIMBRA,

Anno 1743. *Com todas as licenças necessarias.*

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"CRIGENES LESSA"

Tombo N.º 31348

MUSEU LITERARIO



EXC.<sup>MO</sup> E REV.<sup>MO</sup> S.<sup>OR</sup>

**A**INDA que para  
cantar as glorias do Por-  
to na sempre magnifica  
Entrada, que nelle fez  
\* 2 V.

V. Excellencia, era necessaria a consonancia de outra mais bem temperada Lyra, nem com esta reflexão pude reprimir o alento debil da minha penna, que agitada ao impulso de tanta gloria, quiz, inda que com pulso timido, fazer, que resonassem os ecos de tanta maravilha nos Orbiculares, e concavos espaços da posteridade.

E como não pude comprehender na minha voz, aquellas multiplicadas consonancias, que a fizessem quanto mais numerosa, mais doce;

*ce ; procurei ao menos intro-  
duzir-lhe no numero , como  
em mysterio, a cadencia, que  
lhe faltava no accento, para  
dezenpenhar o dezejo de  
Persio*

Vatibus hic mos est, Cen- Perf. Satyr.  
tum sibi poscere voces, 3.  
Centū ora, & linguas op-  
tare in carmina Centū.

*Nem podia em menor nume-  
ro descrever-se huma acçaõ,  
que excedendo os limites do  
pensamento, lhos pertende  
constituir no pasmo; para  
que fique só emprego da ve-  
neraçãõ, o que nunca podia  
acco-*

accomodar-se em todos os espaços da voz. Esta sem duvida foi a razão, que teve a providencia, para fazer que hum rayo prodigioso, apagasse com a sua luz a letra **C** no nome de **CESAR**, q̄ se achava gravado na peanha da sua estatua, porque como a letra **C** comprehende o numero de cento, e o **ESAR** significa a divindade (como explicaraõ os Augures) quiz dar a entender, que era improprio o numero de cento, expressado naquella letra, e unido a hum nome, que  
inju-

injustamente queria Cesar a  
propriar-se ; pois este mara-  
vilhoso numero comprehende  
em si toda a extençãõ do per-  
feito.

Por este motivo naõ po-  
dendo haver na minha at-  
tençãõ a centenaria vista de  
hum Argos ,

Argos eram prudens, & Hier. Ange-  
rian.  
habebã lumina Cētum  
para observar de tanta glo-  
ria as nunca bem compre-  
hendidas circumstãcias, quiz  
ao menos , que o Canto imi-  
tasse aquelle admiravel Cen-  
tiloquio de Tolomeu, com  
que

este reverente sacrificio do meu culto, que não levando agudezas de aguia para contemplar tanto Sol, leva ao menos no numero dezempenhado todo o impulso do obsequio; à semelhança daquelle sacrificio a que os Gregos chamavaõ Hecatombe, no qual os Princeses sacrificavaõ em cem aguias toda a sua veneração: Si vero votum Imperatorum esset, Centum aquilæ mactabantur.

*Ex Cornel.  
Tacit.*

Prosperere, e dilate o Ceo  
a vida de V. Excellencia,  
para

*para que nas Purpuras, e  
Tiàras receba a coroa dos  
seus merecimentos. Porto  
Uc.*

*De V. Excellencia*

*Subdito reverente, e obsequentissimo*

*Martinho Lopes de Moraes Alaõ.*

## LICENC,AS DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informações , póde imprimir-se o Poema intitulado *Porto glorioso* , e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 16. de Agosto de 1743.

*Fr. R. Alencastre. Sylva. Abreu. Amaral.*

---

## DO ORDINARIO.

Póde-se imprimir, e depois de impresso torne para conferir, e dar licença para correr. Porto 13. de Setembro de 1743.

*Velho.*

---

## D O P A C, O.

## S E N H O R.

O Assumpto da obra intitulada *Porto glorioso* , que V. Magestade me manda examinar, he muito digno não só dos Elogios Poéticos, que permitem idéas fabulosas, porèm dos Panegyricos historicos, que só admittem as verdadeiras: pois do grande merecimento do Prelado, a quem celebra, não só testemunha a nação Portugueza, mas o foi a emulação que tem com as nossas as outras nações. O Author he de huma Familia, que cultivou com felicidade a Poesia, e a erudição. A obra, como tem bom estylo, e fraze poética, he digna de imprimir-se, e não há nella circumstancia que o embarece. Lisboa 30. de Agosto de 1743.

*O Conde da Ericeira.*

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Meza para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa 5. de Setembro de 1743.

*Pereira. Cardeal. Costa.*

# PORTO GLORIOSO

## P O E M A

### HISTORICO-PANEGYRICO.

I.

**D**O Porto as Glorias, e o Varaõ famoso,  
 Que dos clarins da Fama occupa o brado,  
 Aquelle Herõe, que vive portentoso  
 Com o imperio da Fama levantado:  
 Cantando escreverei, se he que engenhoso  
 Póde o influxo delphico elevado  
 Agora o canto introduzir sem susto  
 De tanta admiração no espanto justo.

2.

Do sacro Coro a 'inspiração divina  
 Implora humilde candida Camena,  
 Que, a não ser a influencia peregrina,  
 Desmayos ao furor o assumpto ordena:  
 Pois as Glorias, e o Heroe, que determina  
 Descrever atrevida, e rude a penna,  
 Por ser assumpto sacro, e soberano  
 Imperceptivel he ao discurso humano.

A

Mas

*Porto glorioso*

3.

Mas vós, Prelado egregio, heroyca empreza  
 Deste metrico Canto dissonante,  
 Supposto que humilheis vossa grandeza,  
 Apollo me inspiray hum breve instante:  
 Porque entãõ com aguda futeleza  
 Na vea o Sacro Influxo palpitante  
 Por vossa Inspiração sendo animado  
 O Canto ficará todo fagrado.

4.

Sagrado, como o Assumpto, o Canto fora,  
 Se elevando-se à mais sublime esfera  
 Icaro a Muza não tivesse agora  
 Para taõ alto vôo azas de cera:  
 Na sacra inspiraçaõ, que a Muza implora  
 Animada a este vôo se atrevera,  
 Porém sendo a influencia inda divina  
 Icaro na elevaçãõ teme a ruina.

5.

Se o famoso Camoens resuscitara,  
 Se Virgilio, ou se Homero inda existira,  
 Cada qual neste assumpto receara  
 Entre as Muzas tocar de Apollo a lyra:  
 Se as proprias cinzas Taffo hoje animara  
 Nesta empreza tambem se confundira,  
 Sendo sua elevaçãõ justo embarassõ  
 A Virgilio, a Camoens, a Homero, a Taffo.

Tivera

# Poema Historico-panegyrico. 3

6.

Tivera cada qual hoje confuza  
Neste elevado assumpto a alta Camena,  
Excogitando como havia obtuza  
Vòo taõ alto dar metrica a penna:  
Pois JOSE, cuja gloria já diffuza  
Faz do theatro do Mundo breve scena,  
Mayor Nome merece, e mayor fama  
Que Eneas, Godofredo, o Grego, e o Gama.

7.

Excelsa fama, e Nome glorioso  
Sobre todos JOSE tem alcançado,  
Cujos merito he já prodigioso  
Bronze no Capitolio eternizado:  
Tem seu Nome immortal sempre famoso  
Tanto o Globo Terraqueo admirado,  
Que de heroycas acçoens immensa a soma  
Canta o Porto, Lisboa, Evora, e Roma.

8.

Sua larga comprehenção, alta agudeza,  
Aquilino discurso, e raro engenho  
O fez ser com notavel futiliza  
De empenhos Regios Regio dezempenho:  
Do espirito magnanimo a grandeza  
Nestas acçoens mostrou com tanto empenho,  
Que da gloria immortal, que nisto alcança,  
He clarim Portugal, Sardenha, e França,

*Porto glorioso*

9.

O Monarca mayor de toda a idade,  
 O novo Salamaõ, que soberano  
 He sem idolatria a Divindade  
 Adorada no Reyno Lusitano:  
 Com o vossõ coração tal igualdade  
 Parece faz o seu mayor, que humano,  
 Que conjecturo agora com effeito  
 Serdes vòs o David daquelle peito.

10.

De Carlos Sexto Emperador famoso,  
 Por quem a Europa na afflicção suspira,  
 Esse, que já descança glorioso  
 Nas celestes esferas de zafira:  
 Na Curia por Ministro poderoso  
 Sempre o vossõ talento lhe assistira,  
 Se Jove das Estrellas no Hemispherio  
 Lhe não reunisse a divisaõ do Imperio.

11.

Fosteis se dos Monarcas consultado  
 Decisaõ do negocio mais profundo,  
 Por isso geralmente venerado  
 Oraculo mayor de todo o Mundo:  
 Não no templo de Delphos colocado,  
 Mas sim, se o justo applauso não confundo,  
 Fosteis na antiga Roma sempre ovante  
 Oraculo da Igreja Militante.

# Poema Historico-panegyrico. 5

12.

Do Sacro Solio já Bispo assistente  
Vos fez de Benedicto a Santidade,  
Porque fosse a Heröe taõ pre-eminente  
Igual ao coração a Dignidade:  
Sempre o vosso talento, que eminente  
Assombro há de viver de toda a idade,  
Serà, se de Monarcas estimado,  
Das Cabeças da Igreja venerado.

13.

Ao meu famoso Heröe, o Heröe mais raro  
Do seculo presente o Mundo o aclama,  
A cuja alta grandeza fer reparo  
Inda pequeno applauso toda a Fama:  
Numen taõ eminente, que preclaro  
O seu merecimento mesmo exclama  
Servir-lhe sem affecto lisongeiro  
De esfera limitada o Mundo inteiro.

14.

Deste mayor Heröe entre os mayores  
Real thesouro de prendas quasi immensas,  
Quem poderà fallar, sem que os louvores  
Degenerem por curtos em offensas!  
Como póde o dezejo entre os ardores,  
Ou do affecto entre as chamas mais intensas  
Chegar hoje a louvalo, sem offendelo,  
Se não chega o discurso a comprehendelo!

Mas

15.

Mas não lamente a Muza esta desgraça  
 ( Se bem mayor espirito lhe invejo )  
 Pois toda a lingua emmudecida passa  
 Os vossos elogios ao dezejo:  
 Novo Alexandre sois da Ley da Graça,  
 E inda mais que Alexandre já vos vejo,  
 Pois sem vencer o Mundo em marcial guerra  
 Fazeis emmudecer a toda a Terra.

16.

Muitas vezes já tendes excedido  
 O tropheo de Alexandre decantado,  
 Calou-se a elle o Orbe por vencido,  
 Mas vós o emmudeceis por admirado:  
 O temor fez no Orbe emmudecido  
 De Alexandre o triumpho celebrado,  
 E vós na admiração fazeis com effeito  
 Calar-se o Mundo, por mayor respeito.

17.

Alexandre alcançou sem competencia  
 De Felipe o triumpho, e o vencimento,  
 Sendo a falta total de resistencia  
 Negação do tropheo ao luzimento:  
 Porém ostenta em vós clara a experiencia,  
 Que as victorias do vosso entendimento  
 Lograis, porque o triumpho mayor seja,  
 Tendo competidora toda a inveja.

*Poema Historico-panegyrico.* 7

18.

Em marmores, e bronzes conservada  
Existe de Alexandre inda a memoria,  
Que em diversas estatuas celebrada  
Das heroycas acçoens deixou a historia:  
Porèm vós lograreis, porque elevada  
Sobre todas se exalte a vossa gloria,  
Em quanto o humano ser for existente,  
De cada coração estatua vivente.

19.

Em Delfos, Roma, Athenas, e Olimpias  
Estatuas a milhares se contaraõ,  
Mas roubadas do tempo em breves dias  
Despojos da lembrança só ficaraõ:  
A vós com mais discretas fantazias  
Permanentens estatuas se preparaõ,  
Que huns coraçãoes a outros succedendo  
Hiraõ vossas estatuas renascendo.

20.

Vossos faõ já os coraçãoes viventes,  
E sendo vossos fora atrocidade  
Naõ serem ao vosso Nome reverentes  
Eregidos padroens na eternidade:  
Verã vossas estatuas permanentes  
Fabricadas a mais diuturna idade  
Naõ do alheo metal como o Colosso,  
Mas sim dos coraçãoes triumpho vosso.

Vós

21.

Vós tendes suavemente conquistado ,  
 Oh Heröe eminente , e circunspecto ,  
 A todo o coração com o doce agrado  
 De hum puro , fino , e paternal affecto :  
 Por isso a venerarvos consagrado  
 O humano coração chega discreto ,  
 Mas cada hum , anelando a primazia ,  
 Troca a veneração em idolatria.

22.

Assim he ; pois do Porto os excessivos  
 Corações , entre todos singulares ,  
 Dentro nos proprios peitos affectivos  
 Erigem estatuas , levantando altares :  
 E inda nestes cultos expressivos  
 Do seu amor sincero , mil pezares  
 Cada hum exprimenta , pois repara  
 Ser a tanta Deidade indigna ara.

23.

Dos Portuenses os corações amantes ,  
 Distintos entre todos os do Mundo ,  
 Vendo-se da fortuna triumphantes  
 Com culto vos adoraõ mais profundo :  
 Menores são das horas os instantes ,  
 Do que as adorações , com que jucundo  
 Cada hum cordealmente vos venera  
 Do peito amante na reclusa esfera.

# Poema Historico-panegyrico. 9

24.

O Porto nestes cultos condecóra  
De sua gloria a immortal felicidade;  
Mostrando justamente vos adora  
Quem já vos logra humana Divindade:  
Porém que muito he, que o Porto agora  
Vos adore, com sábia novidade,  
Se para assumpto da immortal historia  
De vós se lhe origina toda a gloria.

25.

Vossa sacra presença tem já feito  
Exceder tanto os termos de ditoso  
Ao Porto feliz, que com effeito  
A jaçtancia hoje tem de Glorioso:  
E por isso os altares, que no peito  
Cada qual vos consagra vanglorioso,  
Tendo em si vosso Numen colocado,  
Nelle adoraõ da gloria o fiel traslado.

26.

Era incessantemente appetecida  
Com affecto abrazado, e ancia intensa,  
Aquella felicidade prometida,  
Que tinha a segurança na presença:  
O Porto suspirava, porque unida  
Via sua esperança à dor immensa,  
E quando da esperança se alentava  
Na dilação do logro desmayava.

B

Alentos

27.

Alentos a esperança lhe infundia,  
 Desmayos o dezejo na tardança,  
 E a dor cruelmente confundia  
 Em todos o dezejo com a esperança:  
 O Porto nova Creta entã se via,  
 Pois, no pouco que a Muza inda hoje alcança,  
 Da saudade cruel entre os lamentos  
 Confundia os desmayos com os alentos.

28.

Porèm , assim esperando , parecia  
 O Porto , quando amante suspirava ,  
 Que do dezejo o incendio mais ardia ,  
 Quando a dilacão mais lho apagava:  
 O leme da esperança não perdia ,  
 Pois quando na tormenta fluctuava ,  
 Inda estando na dor confuso , e absorto ,  
 Da Boa esperança se aclamava Porto.

29.

Pois que he isto , Senhor , que já confuza  
 Não póde comprehender tanto mysterio  
 Na esperança a idea estando obtuza ,  
 E nos dezejos o discurso aëreo !  
 Aqui admirada não soa Muza ,  
 Mas pasma do Parnázo todo o imperio ,  
 Pois a discernir bem não alcança  
 Do dezejo o mysterio , e da esperança.

Porèm

# Poema Historico-panegyrico. 11

30.

Porèm que ha de ser, se conhecia  
O Porto com justissima vangloria,  
Que da vossa presença se lhe havia  
De diffundir a todo immensa gloria!  
Sois a gloria, que o Porto appetecia  
Com affecto, e com ancia bem notoria  
Tendo della em dezejo, e em esperança  
Realidade inda mais, que semelhança.

31.

Mas, oh Porto feliz! Ditofo agora  
Mil vezes te contemplo, e o mais jucundo,  
E já no Occaso o Sol, no berço a Aurora  
Celebrado te fazem em todo o Mundo:  
Foi preciso sentires a demora  
Deste gosto, que logras mais profundo,  
Que da imaginaçã sempre he delyrio  
Alcançar-se huma gloria sem martyrio.

32.

Na gloria, que alcançastes suspirada,  
Huma vez, e mil vezes to repito,  
Do dezejo, e esperança dilatada  
O premio conseguistes infinito:  
Na lembrança, a saudade já riscada,  
Toda a magoa, e pezar deixe prescrito,  
E nisto mostraràs sempre famoso,  
Que tendo a gloria em ti, estàs Glorioso.

33.

No dia primeiro do florente Mayo  
 Final termo pozestes à esperança  
 Da luz glorificando-te esse rayo,  
 Que já vinha illustrando a visinhança:  
 Bem deste feliz Mez póde Tamayo  
 Elogios cantar com segurança,  
 Pois por levar a todos a victoria  
 He mez, que principia pela gloria.

34.

Oh Mez! Não só feliz, porém sagrado  
 Já desde a tua origem conhecido;  
 Jove, de quem teu nome he derivado;  
 De Mayo por mayor teve o appellido:  
 Tu fazes, que no Globo levantado  
 Nasção Estrellas, que o ostentem mais luzido,  
 E no Globo, que o tempo não consome,  
 Em huma Estrella gravas o teu nome.

35.

Em ti teve ditoso nascimento  
 JOSE, o Casto Esposo de MARIA,  
 Esse da Graça superior portento,  
 Em quem a mesma Graça se excedia:  
 Hoje com dous Josés teu luzimento  
 Brilhará na Celeste Monarquia:  
 Se ventura hum José te deu notoria,  
 Theatro outro José te faz da Gloria.

*Poema Historico-panegyrico.* 13

36.

No primeiro de Mayo venturoso,  
Tantas vezes do Porto suspirado,  
Dia, que ha de ser sempre, por ditoso,  
Nas Cronicas da Fama decantado:  
No dia, em que o Diluvio rigoroso  
Seu impulso abatia arrebatado,  
O Porto suspendeo outro diluvio  
Das lagrimas seccando-lhe o Danubio.

37.

Neste dia feliz toda a Nobreza  
Igualmente huma, e outra Jerarquia,  
Ostentando magnifica grandeza  
Effeitos da Portuense galhardia:  
Dos sinceros affectos a fineza  
Cada qual venturoso entaõ seguia,  
E para o bem, que cada hum buscava  
Era estrella o dezejo, que o guiava.

38.

Do Porto toda a Plebe alvoroçada,  
Dos gloriosos eccos attrahida,  
A Cidade deixava despovoada  
Solitario dezerto convertida:  
De carruagens vistosas toda a estrada  
Se enchia com a pompa mais luzida,  
Constituindo o fausto desta sorte  
A Cidade dezerto, a estrada Corte.

39.

Já todos igualmente diligentes,  
 Mostrando nos affectos semelhança,  
 Corriaõ a buscar impacientes  
 O termo do dezejo, e da esperança:  
 Nos coraçõens, espiritos ardentes,  
 O elemento veloz, que naõ se alcança,  
 Com suave vigor indo soprando,  
 Correndo os naõ levava, mas voando.

40.

Do Porto, em huma legoa de distancia,  
 Mandou significar-lhe o seu Cabido  
 O esperava com aquella ardente ancia,  
 Com que o tinha já há muito appetecido:  
 Hum Arcipreste, e hum Gouvea, que jactancia  
 Póde ter cada hum por escolhido,  
 Foraõ os dous, que, justamente eleitos,  
 Na acção dezempenharaõ os nobres peitos.

41.

Mas inda naõ cessando o puro affecto,  
 Que do Cabido no coraçãõ ardia,  
 Ao qual o appellido, e o epitheto  
 De Mongibello ardente pertencia:  
 Para o Numen buscar cada hum discreto  
 Do corpo universal se dividia,  
 E o corpo assim diviso lhe mostrava,  
 Que cada parte delle o venerava.

42.

Leva o vosso Cabido, Herõe sagrado,  
A' mayor veneraçã triumpho, e palma,  
Pois feu affecto em chamas abrazado  
He caracter, que o amor lhe imprimio n'alma:  
Tanto vive no affecto arrebatado,  
Que o recrea do incendio a ardente calma,  
Pois sem appetecer o desafogo  
Se alenta Salamandra neste fogo.

43.

De venerarvos vive unicamente,  
Sem illusaõ fantastica, ou fingida,  
Pois sempre da cabeça pre-eminente  
Se alenta o coração, se anîma a vida:  
Seu alento estaria já cadente,  
Se com veneraçã a mais rendida  
Sobre sua cabeça não trouxesse  
Essa sacra Cabeça, que o ennobrece.

44.

Naõ digo inda, Senhor, o que devia,  
Nem o que finto digo, que a Camena,  
Para o voo, que agora dar queria,  
Hum escrupulo cruel lhe corta a penna:  
E no gostoso assumpto, que seguia,  
A perpetuo silencio me condena;  
Porque em mim mostrarà a fraternidade  
Suspeiçã parecer, o que he verdade.

De

45.

De fangue Regio o Coronel illustre,  
 Mavorte, que das Armas no governo,  
 Merece, sem dos Astros ser dislustre,  
 Na quinta esfera ter assento eterno:  
 Dispondo os batalhoens com todo o lustre  
 Ostentaçãõ fazia do amor terno,  
 E se das vozes só o naõ fiava,  
 Pelas lingoas de fogo o publicava.

46.

Com todos os Prelados Religiosos,  
 O Ecclesiastico, e grave Ministerio,  
 Montados em quadrupedes briosos,  
 Hum concurso faziaõ nobre, e serio:  
 E toda a mais Nobreza em seus pomposos  
 Edificios, que no elemento aëreo  
 Se fabricaõ, por serem diligentes,  
 Em columnas voluveis, e viventes.

47.

Affim Nobreza, e Povo o acompanhava  
 Enchendo os valles, e croando os montes,  
 Formando, a qualquer parte que se olhava,  
 O concurso longinquos Orizontes:  
 Cada qual neste gosto transformava  
 Aos olhos de lagrimas em fontes,  
 Porque busca hum prazer, que excede o peito,  
 Dos olhos o refugio neste effeito.

O meu

Poema Historico-panegyrico. 17

48.

O meu Heröe com candida ternura,  
E a todos com a Benção consolando,  
Hia, do coração com a candura,  
Mais Mundos, que Alexandre, conquistando:  
Já de Thetis a rara fermosura  
O Sol hia no talamo buscando,  
Quando o Numen entrou na amenidade  
Do folitario Valle de Piedade.

49.

No Valle, em que doces ao fresco tece  
O lavor natural emulo d'arte,  
E onde derretido o crystal desce  
Dividida Aretuza em qualquer parte:  
Mas se na cama verde se adormece  
A pura fonte, que crystaes reparte,  
Por ser sempre infiel sua candura,  
Da cama em que descança inda murmura.

50.

Nesse Valle sombrio, e deleitoso,  
Que nas margens do Douro crystalino  
Delle mesmo he esmalte precioso,  
Que o deixa com quilates de mais fino:  
Beija-lhe o Douro o pé vanglorioso  
Reconhecendo-o quasi por divino,  
Que muito, se respira santidade  
Todo o Valle, na austera Soledade!

C

Nesse

51.

Nesse Valle feliz, aonde existe  
 Sempre da Primavera o alegre riso,  
 E que na margem do Douro aonde assiste  
 Das agoas sempre he gentil Narciso:  
 Onde toda a delicia inda consiste  
 Do fertil, e terreno Paraíso;  
 Ahi, entre prazer o mais jucundo,  
 Entrou este primeiro Homem do Mundo.

52.

Primeiro Homem com razaõ lhe chamo,  
 E assim o manifesta a experiencia,  
 Pois na Arvore colheu de ramo em ramo  
 Os fazonados frutos da Sciencia:  
 Homem primeiro justamente o aclamo,  
 Porque soube emmendar a negligencia  
 De hum, que perdeu da Graça a regalia,  
 Para deixar a este a primazia.

53.

Primeiro Homem sois, Numen preclaro,  
 Por cem bocas a Fama assim o confessa,  
 E o Mundo de fortunas sempre avaro  
 Por Pay universal vos interessa:  
 Com vosco, Homem primeiro, já reparo  
 Novo Mundo, no Mundo hoje começa,  
 E se confessaõ os alentos nossos  
 Naõ já filhos de Adaõ, mas filhos vossos.

54.

Feitas as ceremonias costumadas,  
Quando já usurpava a noite ao dia  
A luz, de que as Estrellas namoradas  
Entre todas fiel se repartia:  
Quando as luzes das trevas separadas  
Huma sombra com outra se escondia;  
Recolheo-se o Heröe, deixando absorto  
Em geraes faudades todo o Porto.

55.

Nessa alegre estação sempre vistosa,  
Que orna de esmeralda a Primavera,  
E que melhor, que nunca deliciosa  
Então se via, do que d'antes era:  
Porque nella com pompa magestosa  
Terreno o Paraiso renascera,  
Transformando, com rara novidade,  
Em campo Elizio, ao Valle de Piedade.

56.

Ali toda a Cidade concorrendo  
Hia ver ao Heröe, com quem fallando,  
No favor, que ella hia recebendo,  
Hia elle os agrados conquistando:  
Princepe grande fois, porèm vou vendo,  
Oh Numen circunspecto, e venerando,  
Se formarà da Terra no hemispherio  
Do humano coração o vosso Imperio.

57.

Ao menor focego sempre izento  
 Ali vos viaõ todos, que elevado,  
 Com affombro commum, geral portento,  
 Trazieis sempre o espirito occupado:  
 Já dando universal contentamento  
 Ao Porto, recebendo com agrado,  
 Com affecto, e fineza esclarecida,  
 O feudo da obediencia mais rendida.

58.

Já dispondo, ensinando, e dirigindo  
 O triumpho da Entrada gloriosa,  
 Em cada instante o espirito assistindo  
 A tanta variedade portentosa:  
 Nas Ceremonias todos instruindo,  
 Não se negando a acção laboriosa,  
 E appetecendo só por este meyo  
 Seguir-se ao seu trabalho o acerto alheo.

59.

Desse Ciro mayor calē as historias  
 O applauso, que lhe davaõ de occupado,  
 Sendo o trabalho a croa das victorias,  
 Com que se fez no Mundo venerado:  
 Do Macedonio Eròpos cessem as glorias,  
 Com que o fez este effeito celebrado;  
 Que em vòs egregio Principe admiro  
 A Eròpos huma sombra, hum nada a Ciro.

He

60.

He sempre voffo espirito occupado  
Admiraçãõ, e pasmo da experiencia,  
Em cujo manifesto o mais fagrado  
Se ostenta das virtudes a eminencia:  
Já lá quiz o Gentilico cuidado  
Venerar a Virtude com decencia,  
E achando improprios todos os lugares,  
Só no trabalho lhe erigio altares.

61.

Para a Entrada do meu Herõe fagrado,  
De Mayo o quinto dia venturofo  
Foi pela Providencia destinado  
Theatro do triumpho mais pomposo:  
Dia, que do Olivete levantado  
Ao Ceo se exaltou Christo glorioso,  
Sempre reconhecido nas memorias  
Por dia de triumphos, e de glorias.

62.

Mas, oh Dia feliz! Se o tempo agora  
A duraçãõ te opprime em curta esfera,  
Lá nos rayos do Sol, luzes d'Aurora  
Tua vida immortal se recupera:  
Cada luz confessando toda a hora,  
Que tua grande ventura a ennobrecera,  
E que mais do que a luz a tua idade  
O espaço occupará da eternidade.

63.

Era na madrugada deleitosa,  
 Quando promete o dia a clara Estrella,  
 Crepusculo em que logra côr de rosa  
 O Turquezado Ceo, que he prado della:  
 Quando enchia já a Terra faudosa  
 Do mimoso rocio a Aurora bella,  
 Aljofar derramando copioso,  
 Com que fazia o dia precioso.

64.

Neste tempo rompiaõ já o vento  
 Os eccos dos clarins por toda a parte,  
 Podendo originar belico o accento  
 A Belona temor, e susto a Marte:  
 Mas destra a consonancia do instrumento,  
 Empenhando no engenho toda a arte,  
 Na confusa, e na belica armonia  
 Alentos inspirava de alegria.

65.

Nas Praças, e Terreiros se formavaõ  
 Os Corpos militares da Cidade,  
 Onde tambem por ordem se ajuntavaõ  
 De Ordenanças do Termo a immensidade:  
 As ruas do Triumpho estas bordavaõ,  
 E os outros seguindo a suavidade  
 Do belico instrumento, em marcha egregia,  
 Hiaõ dar a Miragaya a salva regia.

Com

66.

Com as tapeçarias preciosas  
Se viaõ as janellas bem ornadas ;  
E as ruas , como entãõ nunca vistosas ,  
Todas estavaõ com primor toldadas :  
Sendo as distintas armações pomposas  
Em successivo corpo organizadas ;  
Pois naõ lograva a vista neste enlevo  
Mais que ornato commum , geral aceyo.

67.

Já , para ser ao Porto conduzido ,  
Do Douro hiaõ logrando a fermosura  
Os dous Capitulares , que o Cabido  
Discreto interessou nesta ventura :  
Hum Thesoureiro mór , e hum conhecido  
Campos , que Magistral he de Escritura ,  
Foraõ os dous , que , nesta heroyca empreza ,  
Canonizaraõ do animo a grandeza.

68.

De embarcaçoens o Douro já se enchia ,  
Das quaes alegremente matizado ,  
Sobre campo de prata parecia  
Achar-se com primor entãõ bordado :  
Porèm mais precioso entãõ se via ,  
E mais rico esse Douro dilatado ,  
Que era , tendo do Offir todo o thesouro ,  
Bordado de matiz em campo d'ouro.

69.

Ao meyo da carreira o Sol chegava,  
 Quando já o Heröe esclarecido  
 No escaler precioso se embarcava  
 Com os dous Deputados do Cabido:  
 E tambem justamente o acompanhava  
 O illustre Coronel, que engrandecido,  
 Aceando o escaler a todo o custo,  
 O deixara no empenho o affecto justo.

70.

Fermoso Douro meu, quaõ differente  
 Do que já te cantei, te canto agora;  
 Phlegetonte entaõ eras na corrente,  
 Hoje o mesmo Pactolo te en-namora:  
 Phlegetonte infernal tua grossa enchente  
 Entaõ te transformou, mas hoje Flora,  
 Se na pompa, que ostentas bem se adverte,  
 Em jardim delicioso te converte.

71.

Esse susurro teu, que brandamente  
 Faz impressaõ suave nos ouvidos;  
 He musico canoro, que excellente  
 Vay cantando com destros sustenidos:  
 Aos quaes acompanhaõ docemente  
 Os royxinoes, que em ternos divididos  
 Saõ triples, que, o susurro acompanhando,  
 Da alegria ao compasso vaõ cantando.

Discorreu

72.

Discorreu pelo Douro , ennobrecendo  
Ao mesmo Douro , o Numen soberano ,  
Que , como Sol nas agoas , foi fazendo  
O Douro transformar-se em Oceano :  
E por essa razão o Douro entendo ,  
Que , entre tanta fineza entãõ infano ,  
Mostrava , da fineza sem desdouro ,  
Que já era Oceano , o que foi Douro.

73.

Qual novo , e melhor Argos , navegava  
Pelas agoas do Douro cristalino  
O aceado escaler , que em si levava  
Mais requezas , que o aureo Velocino :  
Nas ondas em que o Douro se empolava  
Parece , que no Globo diamantino ,  
Qual Argos transformado em luzes bellas ,  
Colocava o escaler entre as Estrellas.

74.

De madeira huma ponte fabricada  
Tinha o mais puro affecto já disposto ,  
De alcatifas , e sedas bem ornada  
Da vista enlevo , e attracção do gosto :  
E sendo ao desembarque destinada ,  
Tinha tudo por ordem taõ bem posto ,  
Que o escaler , junto a ponte , parecia  
Hum que se dilatava , outra crescia.

75.

Nos braços de feus subditos amantes,  
 E de muita nobreza acompanhado  
 Toda a ponte passou, que sobre Atlantes  
 Se sustentava do cristal dourado:  
 Em todo o tempo as falvas fulminantes  
 Bramiaõ como rayo disparado,  
 Naõ se ouvindo em hum, e outro Elemento  
 Mais que das falvas o estrondoso accento.

76.

Na cadeira de mãos, que preciosa  
 He da riqueza copia resumida,  
 De Monchique venceu a trabalhosa,  
 A violenta, e asperrima subida:  
 Na Igreja tinha a ancia Religiosa,  
 Sagradamente entaõ desvanecida,  
 Hum Trono precioso levantado  
 Em pórfido de affectos sustentado.

77.

Entrou na Igreja o Numen, onde estava  
 Do Mosteyro do Porto Franciscano  
 Toda a Communiade, que o esperava  
 Cõ as Ceremonias do Ritual Romano:  
 Celeste Gloria a Igreja se ostentava,  
 Sustituindo entaõ mais soberano,  
 Nos accents da musica canoros,  
 Hum Seraphico Coro nove Coros.

E ben-

Poema Historico-panegyrico. 27

78.

E benzendo o concurso Religioso,  
Na cadeira desceo toda a calçada,  
No fim logo da qual montou ayroso  
Na Mula, que de roxo estava ornada:  
Cada Capitular no seu brioso  
Cavallo, o acompanhava na jornada,  
A qual seguia com pomposo lustre  
O Estado egregio, e a Familia illustre.

79.

Affim foi a jornada proseguida,  
Em cuja ostentaçaõ, a mais vistosa,  
Toda a alma, dos olhos attrahida,  
Se avaliava entaõ por gloriosa:  
Com ancia nunca affaz encarecida  
Já estava na Tarima preciosa  
O Corpo do Cabido, e com desvelo  
A alma se adiantara a recebelo.

80.

Já perto da Tarima em fim chegando  
Da Mula se apeou, e o Cabido  
O recebeo, no affecto alli mostrando  
O tinhaõ os corações já recebido:  
A Cruz deosculou, genuflectando,  
Que ministrou, de capa revestido,  
Quem com esta honorifica incumbencia  
Mostrava da Pessoa a pre-eminencia.

81.

Era a Tarima hum mixto precioso ,  
 Porque da variedade , que se ornava ,  
 Hum campo de riquezas espaçoso  
 Para assombro dos olhos se formava :  
 No fim della hum Trono primoroso  
 Debaxo de hum Docel se levantava ,  
 Onde por Assistentes do Cabido  
 Foi Pontificalmente reveſtido.

82.

Naõ tem Crefſo riqueza , e Midas ouro ,  
 Que as Pontificaes vestes na grandeza  
 Excedendo dos Midas o theſouro ,  
 Desprezavaõ dos Crefſos a riqueza :  
 Entre candido argento , e metal louro ,  
 Com pedras de puriffima fineza  
 Mil vezes abatidos com excesso  
 Fica o Midas precioso , e o rico Crefſo.

83.

Principiou o Triumpho glorioso  
 (A que a Bagagem copioſa precedia)  
 No Eſtandarte da Camera pompoſo  
 Seguido da Nobreza , e Fidalguia :  
 Com eſtado cada hum maravilhoſo  
 Por diſtintiva ordem ſe ſeguia ,  
 Moſtrando cada hum na que levava ,  
 Que em tudo a Regia Ordem ſe obſervava.

Todas

# Poema Historico-panegyrico. 29

84.

Todas as Confrarias da Cidade  
A' illustre Familia hiaõ seguindo,  
E cada qual por sua antiguidade  
Se hia no Triumpho repartindo:  
Naõ faltava exemplar Comunidade,  
Que, ao egregio Triumpho proseguindo,  
Naõ fosse, no prazer que hia ostentando,  
A' mayor veneraçãõ exemplos dando.

85.

Do Porto, e seus suburbios todo o Clero  
Ao soberano Triumpho acompanhava,  
Cuja candura do amor sincero  
No candido das vestes se ostentava:  
De pedras preciosas, e ouro mero  
Seis Mitras se seguiaõ, que humilhava  
De Eneas cada huma o ramo de ouro,  
E de Hercules o Hesperido thesouro.

86.

Continuava o Cabido, suavemente  
Sempre Psalmos, e Hymnos entoando;  
E logo em hum cavallo nobremente  
O Sacro Numen corações pizando:  
O Porto com affecto reverente  
Os corações aos pés lhe hia prostrando,  
Das ruas pertendendo, com portento,  
Bordar de corações o pavimento.

Debaxo

87.

Debaxo do feu Pallio precioso  
 O recebeu à Porta da Cidade  
 Da Camara o Senado venturoso  
 Com esta autorizada dignidade:  
 E para todo o Triumpho glorioso  
 Da Nobreza escolheu com igualdade  
 Parciaes, que, nas glorias triumphantes,  
 Do portatil Docel fossẽm Atlantes.

88.

Do cavallo o fiel, e as estribeiras  
 Hiaõ por tres Fidalgos assistidas  
 Das mayores, illustres, e primeiras  
 Familias Regiamente ennobrecidas:  
 Sem illusoẽs ficando lisõgeiras  
 Entaõ suas nobrezas mais luzidas,  
 Pois, domando melhor ao nobre Etonte,  
 Mais lustres conseguiaõ, que Faetonte.

89.

Por nobre Caudatario deste dia  
 Dom Diogo de Soufa foi escolhido,  
 Esse, que faz com a illustre fidalguia  
 Das Armas o governo esclarecido:  
 Mas deste novo emprego lhe nascia  
 Ficar ao Sacro Numen taõ unido,  
 Que do Jove mayor a divindade  
 O fez seu Ganimedes na amizade.

90.

Logo se via o Chanceler famoso ,  
Esse, que no governo da Justiça  
Póde deixar a Minos invejoso ,  
E a Rodamanto originar cobiça;  
Em hum bruto fiel, e generoso  
Com planta nobremente movediça,  
Ao qual hia seguindo immediato  
De toda a Relaçã o Regio acto.

91.

Regiamente o Triumpho se adiantava ,  
Ao qual (amplamente dilatado)  
Com o mesmo Chanceler o acompanhava  
Da Relaçã do Porto o Real Senado :  
Sempre illustre o Triumpho se ostentava ,  
Porèm, da Relaçã acompanhado ,  
Mostrou, por ser em tudo o mais egregio ,  
Que passava de illustre , a Triumpho Regio.

92.

Affim foi o Triumpho proseguindo  
Pelas vistosas ruas da Cidade ,  
Ao qual nobremente concluindo  
Hia do eximio Estado a magestade :  
Dos sinos o estrondoso ecco bramindo  
Da confusaõ fazia suavidade ,  
Pois na alegre desordem se advertia ,  
O que era confusaõ, ser armonia.

Pelas

93.

Pelas ruas o Triumpho hia passando  
 Com pompa egregia, e fausto peregrino ;  
 E entãõ, qual Roma, o Porto admirando  
 A triumphante entrada de Tarquino:  
 A' Cathedral illustre já chegando,  
 Quiz colocar o Triumphador divino  
 No elevado, e Pontificio Solio  
 Do Triumpho sublime o Capitolio.

94.

Ali logo ao Herõe, Numen sagrado,  
 Com veneraçãõ culta, e com decencia,  
 O Cabido, e da Camara o Senado  
 Lhe foi render o feudo da obediencia:  
 De todos geralmente acompanhado  
 No seu Palacio entrou, e a diligencia  
 Militar novamente lhe rendia  
 Nas Reaes salvas trinada bataria.

95.

Naõ triumphou em Roma tanto Augusto,  
 Nem triumphou melhor Domiciano,  
 Naõ foi por timbre do valor robusto  
 O triumpho de Pompõo mais soberano:  
 Deixa a todos nos extazis do fusto  
 O novo Triumphante Lusitano,  
 Porque sabe exceder em seus tropheos,  
 Domicianos, Augustos, e Pompõos.

Poema Historico-panegyrico. 33.

96.

Que muito, Numen Sacro, que assim seja,  
(Clamaõ os Portuenses venturosos)  
Que muito póde ser em Vós se veja  
Exceder os triumphos mais famosos!  
Se para confusaõ de toda a inveja,  
Nós os Portuenses gloriosos,  
Logramos do Triumpho, por victoria,  
No merito do amor, visível gloria.

97.

Pois se a gloria do Mundo só consiste  
Em hũa uniaõ pacificada,  
Essa accidental gloria ao Porto assiste,  
E assistirà com vosco dilatada:  
Fazei, que, na concordia aonde existe  
A gloriosa delicia abreviada,  
Fique, para ser sempre venturoso,  
O Porto eternamente Glorioso.

98.

Vós, Numen mayor, que com effeito  
Na Orbicular esfera dilatada  
Cõ o Nome, e Nascimento, tendes feito  
A Evora Gloriosa, e Illustrada:  
Seja o Porto de vós taõ bem aceito,  
Cidade de MARIA nominada,  
Que sejaes, Oh JOSE, sempre amoroso  
Se Pay dos Filhos, da Cidade Esposo.

E

Vivei

99.

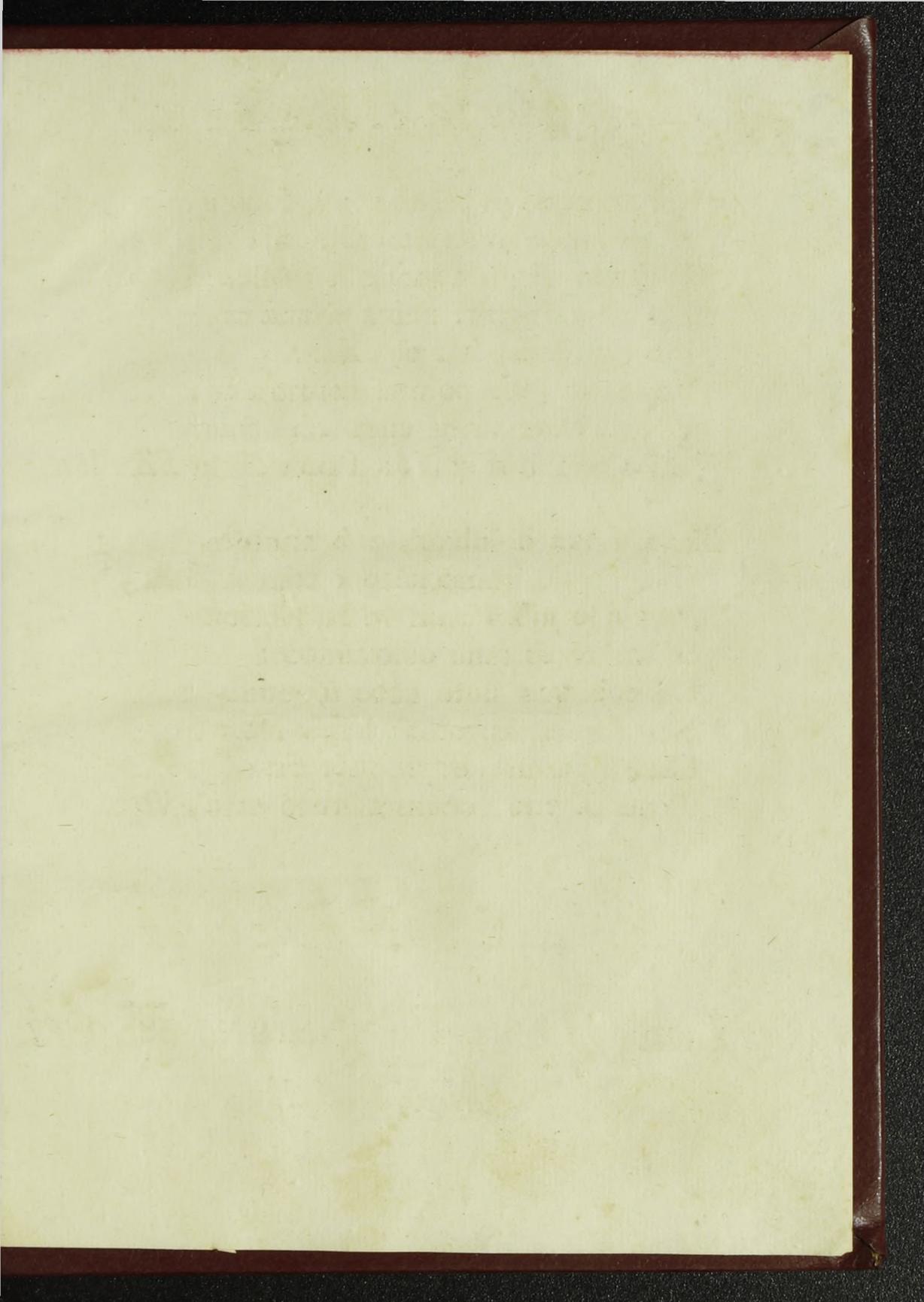
Vivei, porque da Clio a voz sonora  
 A elevados assumptos dedicada  
 Fassa do negro Occaso à branca Aurora  
 Em lingoas vossa Fama dilatada:  
 Estatua genial Muza canora  
 Erige, à vossa pompa consagrada,  
 Para que termineis com luzes bellas  
 Cõ o tempo a vida, a Fama cõ as Estrellas.

100.

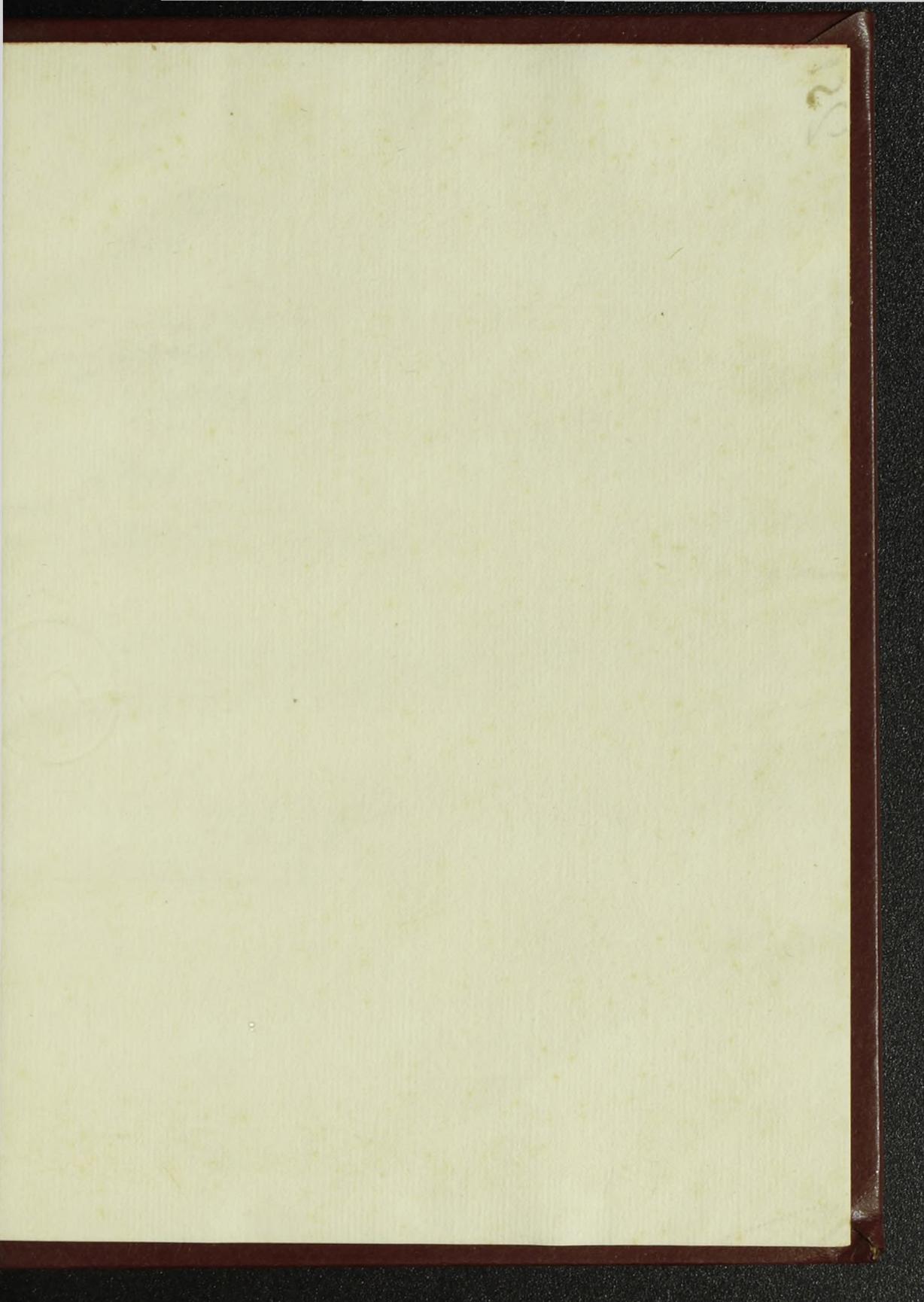
Clama o Porto festivo, e venturoso,  
 Que vivaes immortal por toda a idade,  
 Para que assim com vosco glorioso  
 Se izente da fatal mortalidade:  
 De cuja voz hum ecco sonoro  
 Nos Orbes repercute a suavidade,  
 Clamando em alegria successiva  
 Tanto a voz, como o ecco viva, viva.

**FINIS**

*Laus Deo, Virginique Matri  
 à Nativitate.*







157

